

A TRADUÇÃO DE POESIA NA CHINA: DAS PRÁTICAS TRADUTÓRIAS ÀS REFLEXÕES TEÓRICAS

POETRY TRANSLATION IN CHINA: FROM TRANSLATION PRACTICES TO THEORETICAL REFLECTIONS:

Verena Veludo PAPACIDERO 

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Resumo

Este artigo parte da necessidade de repensar, no Brasil, a tradução da poesia chinesa em português a partir do diálogo direto com a tradição chinesa das poéticas do traduzir, deslocando a centralidade das mediações hegemônicas ocidentais. O objetivo é reconstruir, de modo introdutório, o percurso histórico da tradução de poesia na China, desde suas práticas iniciais até a emergência das reflexões teóricas sobre o tema. Como metodologia, realiza-se revisão bibliográfica por meio da leitura, tradução e análise de fontes, sobretudo, em língua chinesa. A discussão aborda três momentos: as traduções de canções e composições orais na China Antiga, a tradução de textos poéticos presentes no cânone budista na China Clássica, e a tradução de poesia em língua inglesa, que impulsionou debates sobre a dimensão formal na China Moderna. Argumenta-se que as teorias chinesas da tradução poética resultaram de um longo processo de sedimentação de práticas tradutórias.

Palavras-chave: Tradução de poesia; história da tradução na China; práticas tradutórias; teorias chinesas da tradução poética; poética sino-brasileira do traduzir

Abstract

This article stems from the need to rethink in Brazil the translation of Chinese poetry into Portuguese through direct dialogue with the Chinese tradition of poetry translation, displacing the centrality of hegemonic Western mediations. Its objective is to reconstruct, in an introductory manner, the historical trajectory of poetry translation in China, from its early practices to the emergence of theoretical reflections on the subject. Methodologically, the study conducts a bibliographic review through the reading,

Resumen

Este artículo parte de la necesidad de repensar, en Brasil, la traducción de la poesía china al portugués mediante un diálogo directo con la tradición china de la traducción poética, desplazando la centralidad de las mediaciones hegemónicas occidentales. Su objetivo es reconstruir, de modo introductorio, el recorrido histórico de la traducción de poesía en China, desde sus prácticas iniciales hasta la emergencia de reflexiones teóricas sobre el tema. Metodológicamente, se realiza una revisión bibliográfica basada en la

translation, and analysis of sources, especially in Chinese. The discussion addresses three moments: the translations of songs and oral compositions in ancient China; the translation of poetic texts present in the Buddhist canon in classical China; and the translation of poetry in English, which prompted debates on form and rhythm in modern China. It is argued that Chinese theories of poetry translation resulted from a prolonged process of sedimentation of translation practices.

Keywords: Poetry Translation; History of Translation in China; Translation Practices; Chinese Theories of Poetry Translation; Sino-Brazilian Poetics of Translation.

lectura, traducción y análisis de fuentes, sobre todo en lengua china. La discusión aborda tres momentos: traducciones de canciones y composiciones orales en la China Antigua; textos poéticos del canon budista en la China Clásica; y traducción de poesía inglesa en la China Moderna. Se argumenta que las teorías chinas de la traducción poética resultaron de un largo proceso de sedimentación de prácticas traductoras.

Palabras clave: Traducción de poesía; historia de la traducción en China; prácticas traductoras; teorías chinas de la traducción poética; poética sino-brasileña del traducir.

O presente artigo sobre a tradução de poesia na China nasce de um problema de pesquisa mais amplo, que questiona os termos em que é possível construir as bases para pensar uma poética do traduzir entre o Brasil e a China e, dentro deste escopo, uma poética do traduzir poesia chinesa em língua portuguesa¹. Parte-se do pressuposto de que essa construção deve ser fundada no diálogo direto entre as tradições brasileira e chinesa, bem como ancorada nas práticas e reflexões teóricas produzidas nos próprios contextos em relação e, portanto, não subordinada a conceitos e mediações oriundos do contexto hegemônico do Norte Global.

Preende-se investigar como os próprios chineses pensaram, praticaram e problematizaram a tradução de poesia, criando condições para que a tradição chinesa participe como fonte crítica e teórica da formação de uma poética do traduzir sino-brasileira. Como início de percurso, busca-se reconstruir a trajetória histórica, sem esgotar tudo sobre uma tradição tão vasta, que remonta à antiguidade chinesa e desdobra-se ao longo de milênios em tradutores, correntes de pensamento e debates que chegam à contemporaneidade. Trata-se, antes, de reunir, organizar, sintetizar e analisar criticamente informações relevantes, com o objetivo de delinear um panorama introdutório que contribua significativamente para a formação de uma poética do traduzir poesia chinesa em língua portuguesa.

¹ Emprega-se aqui o termo “poética” em sentido amplo, como conjunto de teorias, reflexões e princípios voltados à compreensão do fazer artístico e literário. No âmbito da tradução de poesia, a noção designa os pressupostos críticos, estéticos e formais que orientam a recriação do poema em outra língua.

Para tanto, propõe-se à revisão bibliográfica por meio da leitura, tradução e análise de fontes, sobretudo, em língua chinesa, subsidiada nos seguintes textos: fragmentos de *História da tradução na China*, de Ma Zuyi (1999); os prefácios de Gu Zhengkun (2007) e Huang Gaoxin (2007) à *Coletânea de ensaios de tradução de poesia sino-ocidental do século*, organizada por Hai An (2007); e o primeiro capítulo do livro *Teorias da Tradução de Poesia* de Wang Dongfeng (2022), intitulado “Reflexões sobre o centenário da tradução da poesia ocidental para o chinês”.

A partir da incorporação da tradição chinesa como interlocutora teórica ativa, propõe-se ao deslocamento da hegemonia ocidental como condição essencial para combater a visão orientalista pautada no “modo de abordar o Oriente que tem como fundamento o lugar especial do Oriente na experiência ocidental europeia” (Said, 1978, 2007, p. 27). Essa concepção equivocada funciona como ferramenta colonialista de poder e dominação e retrata com exotismo povos e culturas do Oriente ao Extremo Oriente, naturalmente, incluindo a China.

Um exemplo de exotização aplicada à tradução da poesia chinesa em português no contexto brasileiro pode ser encontrado na proposta de “reimaginação” de Haroldo de Campos (1969, p. 121-122). Sem desmerecer as suas primorosas traduções criativas, ou transcrições, nem ignorar suas significativas contribuições para a formação da escola tradutória brasileira e da própria escola de tradução de poesia chinesa em português, o grande poeta-tradutor brasileiro não estudou profundamente a língua chinesa, tendo usado dicionários, gramáticas e traduções em outros idiomas, como o inglês, francês e alemão como materiais de apoio para empreender suas transcrições de poesia chinesa. Como observa Chen (2025, p. 64):

O motivo principal pelo qual Haroldo de Campos tornou-se interessado pela poesia clássica chinesa foi o fato de a característica pictórica dos caracteres chineses ter-lhe oferecido inspiração, materiais de experimento e bases teóricas para a teoria e prática do movimento vanguardista da “Poesia Concreta” que estava acontecendo no círculo poético brasileiro da época. A atitude e a compreensão dele sobre os caracteres chineses e a língua chinesa foram fortemente influenciadas pelo Orientalismo do fim-de-século, pelo imagismo poético promovido por Ezra Pound e pela internacionalização da literatura comparada, majoritariamente estruturada e dominada por teorias linguísticas, semióticas e estéticas, originalmente surgidas e formuladas no Ocidente.

Inspirado no “método ideográfico de compor” (Campos, 1995, p. 231), desenvolvido por Ezra Pound (1919), que, por sua vez, baseou-se nas notas de Ernest Fenollosa, Campos considerou de forma excessiva o aspecto

visual e ideográfico na sua recriação da poesia chinesa. Segundo Jatobá (2025, p. 14), poetas-tradutores como Campos:

Ultrapassaram essa linha tênue, sobrevalorizando a ‘pictogramatização’ da poesia em detrimento do próprio texto poético, exotizando involuntariamente a poesia chinesa ao ponto de sugerir sua intraduzibilidade.

Aqui, não entraremos no debate da intraduzibilidade da poesia chinesa. Questionamos apenas que Campos parece demasiadamente fascinado pela visualidade dos caracteres chineses. E, assim como grande parte dos poetas e tradutores ocidentais do século XX, preocupou-se mais com a “perda da força imagética dos ideogramas na tradução da poesia chinesa às línguas ocidentais”, do que com a questão do “chinês ser uma língua tonal” (Jatobá, 2013, p. 218). Portanto, não se ateve a outros elementos tão ou mais caros à tradição poética chinesa, como os padrões tonais (*ping-ze*) e os esquemas rítmicos.

Atravessada pelo olhar ocidentalizante sobre a China, tal concepção parece limitada para abranger as especificidades histórica, formal e epistemológica da tradição poética e tradutória chinesa, bem como para embasar as reflexões teóricas sobre a tradução de poesia chinesa em português. Para isso, é necessário defender poéticas não europeias do traduzir, pois como afirmou Faleiros (2019, p. 11), não faz “mais sentido agora traduzir poesia chinesa por meio de versões europeias, como fizeram Machado de Assis, Cecília Meireles e Haroldo de Campos”. Preferimos nos *orientar* pela bússola de Jatobá (2025, p. 21): “Desocidentalizar-se é preciso: oriente-se!”.

Há poucas, porém, significativas contribuições publicadas no Brasil que abordam o estado da arte sobre o tema a partir da perspectiva desocidentalizante. Um mapeamento das publicações mais recentes revela que há mais livros com traduções de obras da poesia chinesa, seja clássica, moderna ou contemporânea, do que estudos que versam propriamente sobre teorias tradutórias.

No campo editorial, em geral, os livros de poesia chinesa traduzida em português, publicados no Brasil desde a virada do século XXI, são acompanhados de paratextos que apresentam o autor e sua obra, além de reflexões sobre a orientação, os princípios, os métodos ou as escolhas tradutórias adotadas². No universo acadêmico, predominam as traduções comentadas em artigos e teses que também introduzem a biografia dos autores chineses, sua poética e produção literária, bem como discutem, problematizam e teorizam sobre questões relacionadas à tradução da poesia chinesa em português³.

2 Bonvicino e Yao (2007), Fundação Biblioteca Nacional (2007), Capparelli e Sun (2012), Portugal e Tan (2011, 2014), Ai (2019), Bei (2022), Yang (2023), Hu e Lotufo (2024).

3 Menezes (2011), Barba (2013), Portugal (2013, 2013), Huang (2020, 2022), Matiusso (2022), Papacidero (2023, 2024), Santos (2024), Chen (2025) He e Lin (2025).

No âmbito da produção científica dedicada especificamente às poéticas do traduzir poesia na China, identificam-se algumas contribuições relevantes, embora ainda dispersas. Essas pesquisas já se esforçam em promover o diálogo diretos com as poéticas do traduzir brasileiras, porém, ainda são atravessadas pelas ideias ocidentais. De toda forma, elas oferecem pistas sobre a tradução de poesia e as formulações teóricas elaboradas no contexto chinês. Ao mesmo tempo, revelam a necessidade de retomar de forma aprofundada e sistemática questões a respeito das práticas tradutórias e das reflexões teóricas chinesas sobre as poéticas do traduzir.

Os artigos de Jatobá (2013, 2019, 2025) constituem subsídios importantes para o diálogo entre os Estudos Chineses e os Estudos da Tradução, bem como para a construção de uma poética sino-brasileira do traduzir. Contudo, justamente por se apresentarem como aproximações, propostas e revisitações, tais textos não desenvolvem de modo sistemático um percurso histórico que retoma a tradução de poesia na China, centrado nas práticas tradutórias e nas teorizações delas decorrentes.

A tese de doutorado de Ye (2014) - *Os clássicos chineses da tradução: um estudo da evolução das teorias da tradução na China* - revisa a trajetória histórica e teórica da tradução na China desde a Antiguidade até meados do século XX, organizando-a em três fases principais: a tradução de textos budistas, a abertura para o pensamento ocidental no fim da Dinastia Qing e a modernização linguística durante a República da China. Por meio da tradução e do comentário de textos fundadores das principais teorias chinesas da tradução, a autora sistematiza questões centrais para a área.

O estudo de Ye (2014) tem enorme relevância tanto para os Estudos Chineses, quanto para os Estudos da Tradução no Brasil, pois oferece uma sistematização histórica de teorias chinesas ainda pouco difundidas em língua portuguesa. No entanto, por seu amplo escopo, voltado à evolução geral das teorias da tradução na China, a própria autora sugere a necessidade de pesquisas futuras capazes de “realizar estudos profundos sobre teorias chinesas de algum gênero específico de texto, como por exemplo, tradução de poemas” (Ye, 2014, p. 236).

É precisamente nesse espaço que o presente estudo se insere. Pretende-se introduzir o tema da tradução de poesia na China, considerando seu percurso histórico de práticas tradutórias até a emergência das reflexões teóricas, elaboradas no seu contexto intelectual ao longo do século XX. Tal reconstrução é proposta como etapa necessária para pensar, no Brasil, uma poética do traduzir poesia chinesa em português em diálogo com a tradição chinesa de tradução poética.

Além dessa introdução, o artigo organiza-se em três seções, seguidas das considerações finais.

A primeira seção trata das traduções de canções e composições orais de povos vizinhos ao espaço político-cultural chinês na antiguidade, oriundas de contatos interculturais vinculados a necessidades diplomáticas, culturais e linguísticas.

A segunda seção refere-se à tradução de poemas narrativos que permeavam os textos do cânone budista, projeto que, por privilegiar a transmissão doutrinária e semântica, acabou limitando as reflexões teóricas especificamente relacionadas à tradução poética.

A terceira seção chega à modernidade chinesa, momento em que intelectuais, em contato com línguas-culturas estrangeiras e por elas influenciados, passaram a traduzir poemas ocidentais, sobretudo da língua inglesa, e a experimentar novas formas poéticas, como o verso livre, em suas traduções. Nesse contexto, emergiram as primeiras reflexões tradutórias e uma nova consciência estética na tradução de poesia na China moderna.

1. Tradução de poesia e contatos linguístico-culturais na China Antiga

A China possui uma longa tradição de criação de poesia, suas origens remontam a povos primitivos anteriores à Dinastia Zhou (c. 1046-256 AEC). Acontecimentos, informações sobre pessoas, conhecimentos e experiências eram registrados em forma de poemas, textos utilitários também eram escritos em forma de poesia para facilitar a memorização e as cantigas primitivas exigiam as formas poéticas para manifestar o ritmo (Zhu, 2017, p. 1).

Segundo Zhu (2017, p. 2), ao longo da história, estudiosos levantaram diferentes hipóteses sobre a origem da poesia chinesa. Contudo, diante da falta de registros e das incertezas que envolvem a história anterior a Zhou, o *Clássico da Poesia* (诗经 *Shijing*)⁴, este “passou a ser considerado a mais confiável coletânea de poemas antigos, constituindo, portanto, a fonte primordial da poesia chinesa” (Zhu, 2017, p. 3, tradução nossa⁵).

As atividades tradutórias na China possuem igualmente uma longa tradição. De acordo com Ma (1999), elas remontam à sociedade primitiva chinesa, na qual tribos e clãs, que falavam línguas diferentes, precisavam recorrer à tradução realizada por pessoas bilíngues ou multilíngues para estabelecer contato. Apesar de não haver documentos comprobatórios, é possível que, no período das dinastias Xia (c. 2070-1600 AEC) e Shang (c.

⁴ O *Clássico da Poesia* (诗经 *Shijing*) é considerado a primeira antologia de poesia da China. A obra reúne 305 poemas e cantos que, provavelmente, surgiram e circularam entre séculos XI e VI AEC, tendo sido coletados durante a dinastia Zhou, e cuja compilação se atribui a Confúcio. (Cf: Luo, 2009, p. 10-11; Yoshikawa, 2012, p. 19)

⁵ Todas as citações de textos originalmente redigidos em chinês foram traduzidas pela autora, salvo indicação em contrário.

1600-1046 AEC), já existissem atividades tradutórias com base em registros de eventos de natureza diplomática, como visitas de oficiais estrangeiros às tribos dos clãs reais Xia e Shang. E, assim como nas origens da criação poética chinesa, foi somente na dinastia Zhou que surgiram os primeiros registros de “instituições oficiais de tradução e títulos de intérpretes” (Ma, 1999, p. 1, Introdução).

A tradução de poesia no contexto chinês acompanha os contatos entre diferentes povos, línguas e culturas no interior do espaço civilizacional chinês. Na dinastia Zhou, a região mais ao sul da China era habitada pelos povos Yue (越), cuja língua diferia daquela utilizada pelos povos Hua (华), propriamente chineses, estabelecidos nas Planícies Centrais. Entre os registros esparsos desses contatos linguísticos e culturais, atribui-se a Liu Xiang (劉向, 77-6 AEC), estudioso da dinastia Han Ocidental (202 AEC-9 EC), a preservação do que é considerado o primeiro registro de tradução de poesia na China (Ma, 1999, p. 267; Luo, 2009, p. 19).

No volume *Boas Histórias* (善说 *Shanshuo*) da coletânea de histórias *Shuoyuan* (说苑)⁶, Liu Xiang registrou uma cena ocorrida no século VI AEC: um intérprete traduz uma canção⁷, entoada por um barqueiro Yue, para um oficial do Estado de Chu⁸. Além da tradução em caracteres chineses, Liu também anotou a pronúncia da canção em língua Yue (Ma, 1999, p. 267). A obra, conhecida como *Canção do Povo Yue* (越人歌 *Yuèrén gē*), passou a ser considerada um autêntico poema, tendo sido incluída na coletânea *Novos cantos do Terraço de Jade* (玉台新咏 *Yù tái xīn yǒng*), compilada pelo escritor Xu Ling (徐陵, 507-583) (Gu, 2007, p. II).

O fato de essa tradução ter sido colocada em uma coletânea junto a poemas chineses demonstra a ausência de um limite claro entre a literatura traduzida e a produzida originalmente na China (Gu, 2007, p. II). Traduções de canções de povos, como os *Xiongnu* (匈奴) (Ma, 1999, p. 272), foram, também, incluídas em coletâneas de poesia. No entanto, como observa Gu (2007, p. II), os registros não mencionam quem foi o tradutor. Os primeiros

6 O 说苑 *Shuoyuan*, frequentemente traduzido como *Jardim das Histórias*, é uma coletânea compilada pelo erudito e bibliotecário imperial Liu Xiang. A obra reúne anedotas e eventos históricos desde o período pré-Qin até a dinastia Han Ocidental, organizados em vinte volumes.

7 É importante esclarecer aqui a íntima relação entre a poesia e o canto. Conforme observa Zhu (2017, p. 8), “a poesia, a música e a dança têm a mesma origem e, em seus primórdios, constituíam uma arte tríplice, integrada numa só forma”. Por exemplo, no *Clássico da Poesia*, a maioria das composições era acompanhada por música (Zhu, 2017, p. 10).

8 O Estado de Chu (楚国 *Chǔguó*) (c. 1042-223 AEC) localizava-se mais ao sul, na bacia do rio Yangtzé. Foi uma das cinco potências hegemônicas do período Primaveras e Outonos (770-476 AEC) e um dos sete estados do período dos Estados Combatentes (475-221). Seu vasto território chegou a abranger, em seu auge, as atuais províncias de Hubei, Hunan, Jiangxi, Anhui, Jiangsu e Zhejiang. A cultura de Chu era bastante desenvolvida e desempenhou um papel significativo no desenvolvimento e integração da região Sul ao longo da história da China Antiga.

poemas traduzidos, com registro do nome do tradutor, datam da dinastia Han Oriental (25–220). Trata-se da tradução de Tian Gong (田恭, ?) de três poemas, originalmente escritos pelo líder do povo *Bailang* (白狼) (Ma, 1999, p. 275; Gu, 2007, p. II).

Observa-se, portanto, que a tradução de poesia esteve presente desde os contatos interculturais iniciais registrados na história chinesa. Seu corpus era composto, principalmente, por canções e composições orais de povos vizinhos ou periféricos em relação ao espaço político e cultural que, então, se constituía como China na antiguidade. Contudo, nesse momento, a atividade tradutória ainda não era objeto de reflexão estética ou teórica autônoma, permanecendo vinculada sobretudo às necessidades diplomáticas e comunicativas de seu tempo.

2. O projeto budista e os limites das reflexões sobre a tradução de poesia

Poemas e canções continuaram a ser traduzidos ao longo da história. Contudo, “a prática em larga escala da tradução de poesia na China Antiga surgiu com a tradução de textos budistas” (Gu, 2007, p. III). Tal perspectiva converge com a leitura de Jatobá (2019, p. 122), segundo a qual o primeiro momento da tradução “de fora para dentro” correspondeu ao chamado “projeto budista”, desenvolvido entre os séculos II e XIII.

Os textos budistas apresentavam-se no formato de poemas narrativos ou eram permeados de versos mais longos ou mais curtos. Consequentemente, questões sobre como traduzi-los corretamente começaram a representar dificuldades para os tradutores da época (Gu, 2007, p. III).

Embora a China Antiga fosse líder mundial na prática da tradução de poesia, era bastante deficiente nas teorias da tradução poética. Apesar de figuras como Zhi Qian, Dao An, Zhu Falu, Kumārajīva e Xuan Zang terem oferecido valiosas contribuições para a tradução das escrituras budistas em geral e estabelecido princípios específicos de tradução, como a busca pela textualidade de Zhi Qian, a busca pela substância de Wei Zhinan, a teoria das cinco perdas e duas dificuldades de Dao An e o princípio das cinco coisas que não devem ser traduzidas de Xuan Zang, há poucas discussões sobre os princípios ou características específicas a serem aplicadas à tradução de poesia. (Gu, 2007, p. III)

Conforme observa Gu (2007, p. III), as discussões inseridas no projeto budista de tradução tratavam principalmente da transmissão de significado, enquanto as questões relacionadas especificamente à tradução de poesia, como forma ou ritmo, não constituíam o escopo de reflexões da atividade tradutória.

Assim, verifica-se que o projeto budista representou um marco na história da tradução na China, pois consolidou procedimentos, debates terminológicos e princípios tradutórios que influenciariam reflexões posteriores. No entanto, embora muitos textos budistas apresentassem formas poéticas e elementos rítmicos, as discussões produzidas nesse contexto concentravam-se prioritariamente na transmissão doutrinária e semântica. Portanto, questões especificamente relacionadas à tradução de poesia ainda não ocupavam posição central nas formulações teóricas desse período.

3. A modernidade chinesa e a emergência de uma consciência estética da tradução de poesia

Na passagem do século XIX para o século XX, a tradução de poesia na China assumiu novos contornos. Gu (2007, p. III) considera que as primeiras reflexões teóricas relacionadas à tradução constituíram “um divisor de águas que marcou o despertar de uma consciência estética independente na tradução e na teoria da tradução chinesas”. Esse movimento corresponde ao que Jatobá (2025, p. 18) identifica como o segundo momento da tradução “de fora para dentro”, marcado pela chegada do “cientificismo” europeu à China, no período entre o final da dinastia Qing e o início da República.

Com a consequente intensificação da tradução de obras literárias e da circulação de ideias ocidentais, consolidaram-se na China importantes contribuições práticas, teóricas e críticas voltadas à tradução poética, muitas delas oriundas ou influenciadas pelas escolas europeias e norte-americanas. Nesse contexto, as traduções de poesia realizadas na época, “embora inseparáveis de questões ideológicas, eram nitidamente marcadas por uma forte busca estética” (Gu, 2007, p. VI), inaugurando o que o autor denomina como a “era de ouro da tradução de poesia estrangeira, especialmente da poesia ocidental” na China.

Ainda no final do século XIX, registra-se a primeira tradução de um poema em língua inglesa para o chinês. Trata-se de *A Psalm of Life* (1838), do poeta norte-americano Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882), traduzido como 《人生颂》 *Rénshēng sòng* (1865). O trabalho tradutório foi realizado em duas etapas: Thomas Wade (1818-1895), profundo conhecedor da língua chinesa, elaborou uma primeira versão, enquanto Dong Xun (董恂, 1810-1892), então ministro da Receita, encarregou-se da reelaboração poética do texto, vertendo-o em uma quadra de sete caracteres, o *qījué* (七绝), forma poética clássica consolidada durante a dinastia Tang (618-907) (Huang, 2007, p. XII; Wang, 2022, p. 16)⁹.

⁹ Huang (2007, p. XI), em nota de rodapé, afirma que há “uma tradução em versos de quatro caracteres de um soneto de Milton havia aparecido ainda antes dessa”.

Para Huang (2007, p. XII), embora essa tradução demonstre claramente que “traduzir poesia é uma atividade dotada de características próprias”, seu resultado ainda “não pode ser considerado como uma tradução literária em sentido pleno”. Para o autor, as primeiras tentativas de traduções literárias, propriamente ditas, de poemas em língua inglesa para o chinês surgiram mais próximas à virada para o século XX.

Fragmentos de *An Essay on Man* (1729-1731), do poeta inglês Alexander Pope (1688-1744), e de *Ulysses* (1833), de Alfred Tennyson (1809-1892), foram traduzidos por Yan Fu (严复, 1854-1921) e incorporados à sua tradução de *Evolution and Ethics* (1893), de Thomas Henry Huxley (1825-1895), intitulada em chinês 天演论 *Tiān yǎn lùn* (1897) (Huang, 2007, p. XII-XIII). É no prefácio da sua tradução que se encontram as primeiras formulações modernas mais influentes sobre os critérios da tradução na China, sintetizados nos conceitos de fidelidade (信 *xìn*), compreensibilidade¹⁰ (达 *dá*) e elegância (雅 *yǎ*), considerados como as três dificuldades na tradução. Como observa Ye (2014, p. 77), esse texto:

Definiu pela primeira vez, de forma bem clara, os critérios da tradução e, por esse motivo, exerceu grande influência no desenvolvimento das teorias da tradução na China naquela época. Além disso, foi um texto alvo de diversos debates teóricos durante a evolução das teorias da tradução e posteriormente serviu de base teórica para a formação de algumas teorias da tradução na China.

As formulações de Yan Fu foram decisivas para o desenvolvimento das teorias e dos debates sobre tradução no contexto chinês moderno, influenciando também reflexões posteriores sobre a tradução poética. Embora ele tenha traduzido fragmentos de Pope e Tennyson, segundo seus próprios critérios tradutórios e em conformidade com formas clássicas da poesia de estilo antigo (古体诗 *gǔtǐshī*), Huang (2007, p. XIII) observa que essas traduções ainda traziam “certo elemento de acaso”, pois os versos faziam parte da obra acadêmica original e, por isso, era natural que fossem traduzidos.

Após a virada para o século XX, consolidou-se um novo olhar sobre o ato poético tradutório: poemas passaram a ser traduzidos como poemas. Como observa Huang (2007, p. XIII) “justamente em razão de o original ser poesia, ele passou a ser traduzido deliberadamente como tal”. Nesse contexto, não apenas a prática de traduzir poesia foi intensificada, como também o surgimento de múltiplas traduções de um mesmo poema tornou-se recorrente.

The Isles of Greece, trecho do longo poema *Don Juan* (1819), de Byron (1788-1824), despertou particular atenção entre os intelectuais chineses na

¹⁰ Neste artigo, preferimos usar o termo “compreensibilidade”, como traduzido por Ye (2014).

primeira década do século XX. O poema recebeu diversas traduções parciais ou integrais, tornando-se um dos poemas mais traduzidos do período.

Em 1902, Liang Qichao (梁启超, 1873-1929) incluiu uma tradução em forma de *qupai*¹¹ no romance *O futuro da Nova China* (新中国未来记). Em 1905, Ma Junwu (马君武, 1881-1940) traduziu dezesseis estrofes na antiga forma de balada de sete caracteres¹². Em 1909, Su Manshu (苏曼殊, 1884-1918) realizou uma versão em versos de cinco caracteres¹³, posteriormente compilada em sua *Antologia de poemas de Byron* (拜伦诗选). Já em 1913, Hu Shi (胡适, 1891-1962), após ler as versões de Ma Junwu e Su Manshu, avaliou que a primeira pecava pela “estranheza” e comprometia a “verdade”, enquanto a segunda incorria em “obscuridade” e prejudicava a “compreensibilidade”. Diante disso, traduziu o poema em estilo *sao*¹⁴, publicando sua versão em *Tentativas* (尝试集), de 1920 (Huang, 2007, p. XIII-XVI; Wang, 2022, p. 9).

Na leitura de Huang (2007), essas quatro traduções de *The Isles of Greece* apresentam diferenças quanto ao grau de rigor métrico e ao vocabulário empregado. Contudo, apesar dessas diferenças, todas compartilham duas características fundamentais:

A primeira é que suas formas pertencem ao âmbito da poesia tradicional chinesa, sem relação com a forma do original, e até mesmo o número de versos difere do texto de partida. A segunda é que todas empregam o chinês clássico. Ao lê-las, o leitor sente apenas a atmosfera antiga e refinada da poesia tradicional chinesa, mas não percebe o sabor do original, que não se distancia muito da linguagem oral. (Huang, 2007, p. XIV)

Esse dado evidencia que, nesse momento, a tradução de poesia era frequentemente assimilada às formas clássicas já consagradas na tradição chinesa. E tal escolha não deve ser entendida apenas como limitação técnica, mas como resultado de uma concepção historicamente situada de poesia.

11 曲牌 *qǔpái*: na poesia e música clássica chinesa, refere-se aos modelos de melodias fixas preexistentes que ditam a estrutura métrica e rítmica de uma composição.

12 七言古歌行 *qī yán gǔ gē xíng*: na poesia e música clássica chinesa, refere-se a baladas ou canções de sete caracteres com origem no 乐府 *Yuèfǔ*, estilo de poesia chinesa derivado de baladas folclóricas e canções recolhidas pelo “Departamento de Música” oficial, da Dinastia Han, no século II AEC.

13 五言体 *wǔ yán tǐ*: uma das formas mais representativas da poesia clássica chinesa, referindo-se a poemas com versos de cinco caracteres. Originários das canções folclóricas da Dinastia Han, esses poemas alcançaram seu auge na Dinastia Tang.

14 骚体 *sāo tǐ*: também conhecido como estilo Chu Ci (楚辞) é uma antiga forma poética chinesa em estilo elegíaco, cujas origens remontam ao longo poema 离骚 *Lí sāo*, do poeta Qu Yuan 屈原 (342-278 AEC), do Estado de Chu, durante o período dos Estados Combatentes (475-221 AEC). Os versos são geralmente compostos em dísticos, com seis ou sete caracteres por verso, geralmente no meio, separados pelo caractere 兮 *xí*, que se acredita expressar uma espécie de suspiro.

Como observa Huang (2007, p. XV), esses tradutores eram, em sua maioria, eruditos com formação nos estudos clássicos e, por isso, concebiam a forma poética clássica como “veículo natural da poesia”. Portanto, no ato tradutório, eles recorriam espontaneamente a “formas, estruturas frásicas e vocabulário [...] que lhes eram mais familiares”.

No entanto, essa prática rapidamente revelou suas deficiências. Ao traduzir poesia ocidental por meio de formas clássicas chinesas, o tradutor frequentemente produzia aquela atmosfera antiga e refinada, mas não conseguia transmitir os elementos formais, rítmicos e expressivos do original. Para Huang (2007, p. XV), sua capacidade de adaptação era limitada, sobretudo, diante de poemas europeus e norte-americanos modernos. Por isso, a tradução poética precisava buscar outro caminho.

Wang (2022) sistematiza esse deslocamento ao dividir a história da tradução da poesia ocidental para o chinês no século XX em três fases: i. da tradução em forma clássica, no período anterior ao Movimento da Nova Cultura¹⁵; ii. da tradução em verso livre, após o Movimento da Nova Cultura; iii. da tradução baseada na substituição do pé métrico pela pausa rítmica, desde a fundação da República Popular da China, em 1949. Para o autor, essas categorias não indicam apenas períodos, mas diferentes formas de problematizar a tradução poética (Wang, 2022, p. 13).

Nesse quadro, mesmo que traduções em forma clássica continuassem a aparecer já na fase do verso livre, elas entram em declínio por não refletirem a forma do poema original, nem introduzirem novas estruturas poéticas no sistema literário chinês (Wang, 2022, p. 13, 18). A tradução em verso livre que atendia à “grande libertação da forma poética” (Hu Shi, 2000, p. 147 apud Wang, 2022, p. 22), buscada por aqueles que estavam insatisfeitos com a poesia clássica ou a tradução em forma clássica, acabou ocultando a forma e o ritmo dos poemas originais, apresentando em verso livre até a poesia métrica ocidental (Wang, 2022, p. 23). Então, reflexões sobre as características formais dos poemas originais e debates acerca dos métodos tradutórios que levavam em conta o ritmo poético desenvolveram-se em direção à substituição do pé métrico pela pausa rítmica (ibidem, p. 23).

A trajetória das traduções de *The Isles of Greece* ilustra esse processo. Depois das versões em formas clássicas, como as de Liang Qichao, Ma Junwu e Su Manshu, a tradução de Hu Shi em estilo *sao*, que pode ser considerado uma versão antiga do verso livre (Wang, 2022, p. 12), representa uma aproximação à tradução em verso livre. Posteriormente, surgem soluções mais próximas da

¹⁵ O Movimento da Nova Cultura (1917-1927), liderado pelos intelectuais Chen Duxiu, Hu Shi, Lu Xun e outros, visava à derrubada da velha cultura e apelava pelo fim da hegemonia da língua clássica (文言 *wényán*), buscando incorporar a língua vernacular (白话 *báihuà*) a todas as formas de escrita e reformar o pensamento literário.

experimentação moderna: Liu Wuji (柳无忌, 1907–2002) traduz em verso livre sem rima, Wen Yiduo (闻一多, 1899-1946) traduz em verso livre rimado e, por fim, Bian Zhilin (卞之琳, 1910-2000) propõe uma forma baseada na substituição do pé métrico pela pausa rítmica (Wang, 2022, p. 10).

Assim, no século XX, ocorre uma transformação decisiva no percurso histórico da tradução de poesia na China. A passagem da tradução em forma clássica à tradução em verso livre, seguida da tradução baseada na substituição do pé métrico pela pausa rítmica, representa tanto a emergência de novas técnicas e métodos tradutórios quanto de uma consciência estética na tradução poética. Nesse contexto, a tradução de poesia passou também a constituir um espaço de experimentação linguística, renovação literária e reflexão crítica sobre o próprio fazer tradutório.

Considerações finais

O presente artigo buscou reconstruir, de maneira introdutória, o percurso histórico da tradução de poesia na China até o século XX, considerando desde as práticas tradutórias até a emergência das formulações teóricas delas decorrentes. Ao retomar esse percurso, procurou-se responder ao problema apresentado na introdução: em que medida é possível construir as bases para pensar uma poética do traduzir entre o Brasil e a China e, dentro deste escopo, uma poética do traduzir poesia chinesa em língua portuguesa? Partiu-se do pressuposto de que tal construção deve ser ancorada no diálogo direto entre as práticas e reflexões teóricas produzidas exclusivamente nos contextos brasileiro e chinês em relação.

Dessa forma, o estudo delineou um panorama introdutório da história da tradução de poesia na China que contribui, como fonte crítica e teórica, para a formação de uma poética sino-brasileira do traduzir. A investigação reuniu, organizou, sintetizou e analisou criticamente informações relevantes sobre como os chineses pensaram, praticaram e problematizaram a tradução de poesia, por meio da leitura, tradução e análise de fontes, sobretudo, em língua chinesa. A incorporação da tradição chinesa como interlocutora teórica ativa permitiu deslocar o debate brasileiro para além da mediação hegemônica do Norte Global, que marcou parte importante da recepção da poesia chinesa no Ocidente e no Brasil.

É o caso da “reimaginação” da poesia chinesa em português, desenvolvida por Haroldo de Campos, em diálogo com Pound e Fenollosa, cuja valorização da visualidade ideográfica produziu contribuições significativas para o desenvolvimento de uma poética da tradução historicamente situada no contexto das formulações teóricas do movimento concretista. Por outro lado, favoreceu uma leitura parcial e enviesada da poesia chinesa, mais centrada no caractere como imagem e menos atenta aos elementos formais tão caros

à tradição poética chinesa, como a tonalidade, o ritmo, o paralelismo, a métrica, a rima.

A investigação revelou que, em seu estágio inicial, a tradução de poesia manifestou-se sobretudo nas práticas de mediação linguística e cultural em contextos comunicativos e diplomáticos, cujos textos traduzidos eram principalmente canções e poemas de povos vizinhos ao espaço político-cultural chinês, cujos registros acompanharam os da própria criação poética chinesa. Posteriormente, passou-se à tradução de textos do cânone budista permeados de versos, em relação aos quais a discussão sobre as escolhas tradutórias concentrou-se na transmissão doutrinária e semântica, relegando a segundo plano as questões da tradução poética, ao longo de quase dez séculos.

Somente a partir do final da dinastia Qing, em um contexto embrionário moderno, com a circulação e a influência de ideias ocidentais, os intelectuais chineses realizaram as primeiras tentativas de tradução de poesia ocidental, especialmente de poemas em língua inglesa. Questões formais, estéticas e teóricas que envolvem a tradução poética começaram a ser compreendidas e problematizadas de modo mais consciente e consistente. E a intensificação da prática tradutória de poemas ocidentais acabou gerando debates relacionados à dimensão da forma nas traduções em língua chinesa.

As primeiras traduções modernas da poesia ocidental ainda recorriam às formas clássicas, como os versos de cinco ou sete caracteres, estruturas herdadas da poética chinesa antiga. Contudo, diante da ruptura com os ideais clássicos, proposta pelos líderes do Movimento da Nova Cultura, a tendência passou a ser a tradução em verso livre, mesmo que o poema original fosse composto por esquemas métricos fixos. Sem conseguir representar a forma do original e insatisfeitos com os resultados obtidos, os intelectuais chineses partiram para as tentativas de reconstrução do ritmo e da métrica estrangeira, surgindo novas experiências tradutórias que culminaram na concepção da substituição do pé métrico pela pausa rítmica na tradução poética.

Se, na China Antiga e Clássica, a tradução de poesia encontrava-se vinculada a necessidades comunicativas, diplomáticas e religiosas mais amplas, sem se consolidar desde cedo como campo teórico autônomo, na China Moderna, ela criou condições mais condizentes com os princípios poéticos chineses, para desenvolver suas reflexões e formulações teóricas. Inicialmente, tais considerações apareceram de maneira menos sistemática, mais dispersa e fragmentária, em prefácios, comentários, notas de tradutores, debates literários e observações críticas associadas a práticas concretas de tradução.

Desse modo, as teorizações sobre a tradução de poesia não surgiram de modo repentino. Elas foram, antes, o resultado de um longo processo de sedimentação de práticas tradutórias que atenderam às necessidades de seu tempo e que, na modernidade, intensificaram-se e passaram a demandar a

problematização de questões principalmente relacionadas à forma na tradução de poesia. Trata-se de um processo que está diretamente ligado às próprias transformações da poética chinesa ao longo do século XX.

Por fim, reconhece-se o caráter introdutório e panorâmico desse estudo dada a impossibilidade de explorar em um breve artigo todos os tradutores, poemas traduzidos, discussões e teorizações de uma tradição tão vasta e antiga que chega até a contemporaneidade. Ainda assim, o estudo conseguiu recuperar as principais práticas e formulações teóricas da experiência chinesa, revelando suas características próprias e elaborações específicas. Tais considerações contribuem para a formação de uma poética sino-brasileira do traduzir que reflita não só sobre os aspectos visuais dos caracteres chineses, mas também atente para a dimensão formal e rítmica na tradução de poesia chinesa em língua portuguesa.

Permanecem abertas diversas possibilidades de aprofundamento, sobretudo, no que se refere à investigação mais detalhada das poéticas do traduzir que emergiram no contexto posterior ao Movimento da Nova Cultura. Mostram-se, também, promissoras as pesquisas futuras dedicadas aos debates sobre a forma e o ritmo na tradução de poesia na China, bem como os estudos voltados às contribuições de tradutores, poetas e intelectuais chineses do século XX, para a consolidação das teorias chinesas da tradução poética. Tais estudos enriquecerão a área dos Estudos Chineses e dos Estudos da Tradução no Brasil, bem como fortalecerão perspectivas desocidentalizantes, capazes de ampliar o debate contemporâneo sobre as poéticas do traduzir.

Referências

- AI, Qing. *Viagem à América do Sul*. Tradução de Fan Xing e Francisco Foot Hardman. São Paulo: Editora Unesp, 2019. 208 pp.
- BARBA, Milena de Moura. Poemas de Zang Kejia e Ai Qing. *Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 14, p. 223-236, 2013.
- BEI, Dao. *Não acredito no eco dos trovões*. Tradução de Yao Feng et al. São Paulo: Moinhos, 2022.
- BONVICINO, Régis; YAO, Feng. *Um barco remenda o mar*. Dez poetas chineses contemporâneos. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

- CAMPOS, Haroldo de. Minha relação com a poesia chinesa. *Revista de Cultura*, v. 2, n. 25, p. 231-241, 1995.
- CAPPARELLI, Sérgio; SUN, Yuqi. *Poemas Clássicos Chineses*. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- CHEN, Chen. *Tradução da poesia Tang no Brasil: a questão da forma na teoria e na prática*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2025.
- FALEIROS, Álvaro. Poiéticas não europeias em tradução-refundações e reescritas desde Brasis. *Cadernos de Tradução*, v. 39, n. spe, p. 10-46, 2019.
- FAN, Xing. Tradução literária como construção da identidade cultural: a tradução da literatura brasileira na China entre 1919 e 1966. *Cadernos de Tradução*, v. 43, n. Spe 3, p. 134-154, 2023.
- FENOLLOSA, Ernest. The Chinese written character as a medium for poetry. Ed. by Ezra Pound. *The Little Review*, vol. 6, no. 5-8, p. 56-65, sep.-dec. 1919.
- FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Revista Poesia Sempre*, Ano 15, Número 27. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007.
- GU, Zhengkun. Prefácio. 中国古代及近百年诗歌翻译概论与研究前景 [Panorama da tradução de poesia na China antiga e nos últimos cem anos e perspectivas de pesquisa]. In: HAI, An. 中西诗歌翻译百年论集 [Coletânea de ensaios de tradução de poesia sino-ocidental do século]. Shanghai: Shanghai Foreign Language Education Press, v. 2, 2007, p. I-X.
- HAI, An. 中西诗歌翻译百年论集 [Coletânea de ensaios de tradução de poesia sino-ocidental do século]. Shanghai: Shanghai Foreign Language Education Press, v. 2, 2007.
- HE, Shiqi & LIN, Qingxia. Análise da tradução poética de chinês para português à luz da teoria de Paulo Henriques Britto - o caso do poema de Li Bai. *Polissema* – revista de letras do ISCAP, 2(25), 2025, p. 56-73. <https://doi.org/10.34630/polissema.v2i25.6447>. Acesso em: 25 jun. 2026.
- HU, Xudong; LOTUFO, Marcelo (orgs.). *As formas do mar: poesia chinesa contemporânea*. Tradução de Dora Ribeiro e Inez Zhou. São Paulo: Edições Jabuticaba, 2024.
- HUANG, Gaoxin. Prefácio. 译诗的进化：英语诗汉译百年回眸 [A evolução da tradução de poesia: um olhar retrospectivo sobre um século de tradução de poesia inglesa para o chinês]. In: HAI, An. 中西诗歌翻译百年论集 [Coletânea de ensaios de tradução de poesia chinesa e ocidental do século]. Shanghai: Shanghai Foreign Language Education Press, v. 2, 2007, p. XI-XXXV.
- HUANG, Lin. *A Reescrita do Micro-Polissistema da Poesia de Bei Dao*. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos de Tradução) - Universidade de Macau, Macau, 2020.

- HUANG, Lin. Rescrever Bei Dao: poesia Menglong 朦胧诗 em língua portuguesa. *Cadernos de Tradução*, v. 42, p. e82154, 2022.
- JATOBÁ, Júlio Reis. Entre espelhos, paralaxes e afinidades inesperadas: (re)visitando a tradução das poesias chinesa e brasileira. *Cadernos de Tradução*, v. 45, n. spe3, p. e108586, 2025.
- JATOBÁ, Júlio Reis. Poesia e (in) traduzibilidade na língua chinesa. *Scientia Traductionis*, v. 1, p. 213-223, 2013.
- JATOBÁ, Júlio Reis. Poéticas do Traduzir a, na e para a China: uma proposta. *Cadernos de Tradução*, v. 39, n. spe, p. 120-147, 2020.
- LUO, Xinzhang; CHEN, Yingnian (orgs.). 翻译论集 [Coletânea de ensaios sobre tradução]. Pequim: The Commercial Press, 2009.
- LUO, Yuming. 简明中国文学史 [História concisa da literatura chinesa]. Xangai: Fudan University Press, 2009.
- MA, Zuyi. 中国翻译史(上卷) [História da tradução chinesa, v. 1]. Wuhan: Hubei Education Press, 1999.
- MATIUSSO, Cesar Augusto Miranda. *Meditação sobre o passado: tradução comentada da poesia de Su Dongpo*. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2022.
- MENEZES JR., António José Bezerra de. Bei Dao e a Era Glacial: Tradução e Comentários do Poema “A Resposta”. *TradTerm*, v. 18, n. 1, p. 89-102, 2011.
- MIN, Xuefei. Cem anos de literatura brasileira traduzida na China. *Cadernos de Tradução*, v. 45, n. spe3, p. e108390, 2025.
- PAPACIDERO, Verena Veludo. *A poesia nebulosa em tradução: pequena antologia em língua portuguesa*. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2023.
- PAPACIDERO, Verena Veludo. Imagem da árvore: a criação estética na poesia de Shu Ting. In: RAPUCCI, Cleide Antonia; FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro; ROCHA, Guilherme Magri da (orgs.). *Literatura e cultura: incursões em experiências estéticas*. 1 ed. Assis: UNESP - Campus de Assis, 2024, p. 213-224.
- PORTUGAL, Ricardo Primo. Poesia clássica chinesa – Dinastia Tang: apresentação, alguns poemas. *Scientia Traductionis*. Florianópolis. n. 13, p. 15-30, 2013.
- PORTUGAL, Ricardo Primo. Poesia Clássica Chinesa – Dinastia Tang: princípios e roteiro de uma antologia em português. *Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 14, p. 121-136, 2013.

- PORTUGAL, Ricardo P.; TAN, Xiao. *Antologia da poesia clássica chinesa: Dinastia Tang*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- PORTUGAL, Ricardo P.; TAN, Xiao. *Poesia completa de Yu Xuanji*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras. 1978, 2007.
- SANTOS, Elson Alves dos. *A poesia humanista de Ai Qing (艾青 – 1910-1996)*. 2024. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2024.
- WANG, Dongfeng. 诗歌翻译论 [*Teorias da Tradução de Poesia*]. Pequim: The Commercial Press, 2022.
- YANG, Lian. *A Torre Erigida Abaixo*. Tradução de Verena Veludo e Rodrigo Bravo. São Paulo: Mocho Edições, 2023.
- YE, Li. *Os clássicos chineses da tradução: um estudo da evolução das teorias da tradução na China*. 2014. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- YOSHIKAWA, Kōjirō. 中国诗史 [*História da poesia chinesa*]. Tradução de Zhang Peiheng, Luo Yuming et al. 2. ed. Xangai: Editora da Universidade Fudan, 2012.
- ZHU, Guangqian. 诗论 [*Teorias da Poesia*]. Xangai: East China Normal University Press, 2017.

Verena Veludo Papacidero. Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução da FFLCH-USP. Mestra em Letras pelo mesmo programa (USP, 2023) e em Ensino de Chinês para Falantes de Outras Línguas pela Universidade de Hubei, China (Hubu, 2015). Bacharela em Letras, habilitação em chinês e português (USP, 2010). Possui experiência docente no Instituto Confúcio na Unesp, na PUC-Rio e estágio em literatura chinesa moderna na USP. Publicou traduções de materiais didáticos, literatura infantojuvenil, poesia e romance, além de estudos sobre poesia chinesa moderna em tradução. Atua principalmente nos seguintes temas: língua, cultura, literatura e poesia chinesa, tradução literária e poéticas sino-brasileiras do traduzir.

E-mail: verena.papacidero@usp.br

Declaração de Autoria

Verena Veludo Papacidero, declarada autora, confirma sua participação em todas as etapas de elaboração do trabalho:

1. Conceição do projeto, pesquisa bibliográfica, análise e interpretação dos dados; 2. Redação e revisão do manuscrito;
3. Aprovação da versão final do manuscrito para publicação; 4. Responsabilidade por todos os aspectos do trabalho e garantia pela exatidão e integridade de qualquer parte da obra.

Declaração de Disponibilidade de Dados

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Parecer Final dos Editores

Ana Maria Lisboa de Mello, Elena Cristina Palmero González, Rafael Gutierrez Giraldo e Rodrigo Labriola, aprovamos a versão final deste texto para sua publicação.

Recebido em: 15/05/2026

Aceito em: 20/06/2026